



ARTIGO ORIGINAL

O ressentimento na psicoterapia de orientação analítica

Fernanda Lucia Capitanio Baeza^a

Jussara Schestatsky Dal Zot^b

- ^a MD. Psiquiatra do Hospital de Clínicas de Porto Alegre. Especialista em Psicoterapia pelo Centro de Estudos Luís Guedes. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psiquiatria da UFRGS. Porto Alegre, RS, Brasil.
- ^b Psiquiatra e psicanalista. Professora e supervisora do Curso de Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica do Centro de Estudos Luís Guedes. Membro associado da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Instituição: Centro de Estudos Luís Guedes – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo

Introdução: Apesar de ser um aspecto frequente e marcante, o tema do ressentimento foi pouco abordado pela teoria psicanalítica. Este trabalho tem o objetivo de (1) buscar na teoria psicanalítica uma compreensão do ressentimento, tendo como foco as situações onde há uma separação conjugal envolvida, e (2) buscar caminhos possíveis para sua resolução. Métodos: O ressentimento foi considerado a partir das questões que emergiram no atendimento de uma paciente com dificuldades de elaborar um divórcio. Para tanto, realizou-se uma revisão na literatura psicanalítica específica sobre o ressentimento, além de temas relacionados, como luto, inveja e masoquismo. Resultados: O paciente ressentido é caracterizado como aquele que não pode deixar de recordar. Nessas situações, a libido está tenazmente ligada a um objeto devedor, prevalecendo uma inércia psíquica através da qual o paciente pode ficar retido na temática torturante. Na psicoterapia, o ressentimento se apresenta como uma face intransigente da resistência. Considerações finais: A elaboração do ressentimento é um longo e complexo processo. Um foco possível no tratamento desses casos pode ser

resumido em fazer do ressentimento interminável – baseado na memória do rancor – terminável, relacionado com a memória da dor. O ressentimento interminável pode passar a ser terminável quando o sujeito puder abrir mão do desejo de triunfar sobre o outro por meio da vingança. Essa renúncia se dá através de um trabalho de elaboração, no qual o cindido e projetado no ressentimento deve ser reintegrado e introjetado no próprio sujeito.

Palavras-chave: Terapia psicanalítica; Interpretação psicanalítica.

Abstract

Introduction: Despite resentment is a frequent issue in psychoanalytic psychotherapy, this topic was not broadly discussed by the psychoanalytic theory. This work aims to (1) review psychoanalytic theory an understanding of resentment, focusing on situations where there is a marital separation involved, and (2) to seek possible ways of its resolution. Methods: Resentment was considered from the issues that emerged in the care of a patient with difficulties to conduct a divorce. Therefore, there was a review of the specific psychoanalytic literature about resentment and related topics such as grief, envy and masochism. Results: The resentful patient is characterized as one that can not stop to remember. In these situations, the libido is tenaciously linked to a debtor object, prevailing psychic inertia through which the patient can be held in torturous theme. In psychotherapy, resentment appears as an uncompromising face of resistance. Final considerations: Treatment of resentment is a long and complex process. A focus in treatment of these cases can be summarized in making endless resentment - based on the rancor memory - in terminable resentment, related to the memory of pain. The resentment may become terminable when the subject can give up the desire to triumph by revenge. This waiver is through when that splited and designed in resentment should be reinstated and introjected in the subject itself.

Keywords: Psychoanalytic therapy; Psychoanalytic interpretation.

Introdução

“Dei pra maldizer o nosso lar
Pra sujar teu nome, te humilhar
E me vingar a qualquer preço
Te adorando pelo avesso
Pra mostrar que ainda sou tua
Até provar que ainda sou tua”
Chico Buarque, “Atrás da porta” (1976)

O ressentimento é um conhecido estado de espírito. Termo amplamente reconhecido no senso comum e de caráter passional, é um constante objeto de atenção das artes. Ligado a uma ampla gama de emoções negativas, como o ciúme, a inveja e os desejos de vingança, é tido como uma expressão pouco nobre do nosso psiquismo. Medeia, personagem de Eurípides na mitologia grega, ao não suportar o desprezo do amante, mata os filhos que teve com ele para depois suicidar-se¹. Essa tragédia foi recriada por Chico Buarque e Paulo Pontes na obra de teatro *Gota d'água*, em 1975. Na canção "Atrás da porta" (trecho citado acima), Chico Buarque também retrata o estado ressentido e rancoroso de uma mulher abandonada.

Na cultura, o ressentimento parece estar bastante associado à figura da mulher após um desenlace amoroso. Apesar de ser um aspecto frequente e marcante, o tema do ressentimento foi pouco abordado pela teoria psicanalítica. Entretanto, nas duas últimas décadas, o psicanalista argentino Luis Kancyper dedicou dois livros à exploração do tema.

Marta*, uma mulher de meia-idade, procurou psicoterapia porque, apesar de estar separada há mais de uma década, não foi capaz de realizar essa separação oficialmente. Relatava sua relação como um martírio prolongado, com uma sequência de maus-tratos por parte do então marido. A figura do ex era a mais presente nas sessões de psicoterapia. Referia-se à separação como se fosse um fato muito recente, e estava rotineiramente em conflito com o ex-marido, em geral com queixas de ordem financeira. Apesar do afastamento físico, Marta mantinha uma relação viva e tenaz com o ex-marido, através de queixas, cobranças e impasses.

A partir das dificuldades em trabalhar com essa paciente em psicoterapia de orientação analítica, surgiu o interesse em explorar a psicodinâmica do ressentimento. Assim, este trabalho tem o objetivo de buscar na teoria psicanalítica uma compreensão do ressentimento, tendo como foco principal as situações em que há uma separação conjugal envolvida. Este trabalho procura descrever como o ressentimento pode se apresentar na psicoterapia de orientação analítica e apontar caminhos possíveis para sua resolução.

Métodos

Para tanto, realiza-se uma revisão na literatura psicanalítica produzida especificamente sobre o ressentimento, além de alguns temas relacionados, como luto, inveja e masoquismo. Cabe ressaltar que o caso acima, que motivou o interesse pelo tema, será mencionado apenas com intuito ilustrativo, fugindo dos objetivos deste trabalho o estudo do caso em si.

* Nome fictício.

Resultados

O ressentimento

O dicionário Aurélio define o ressentimento como “mágoa que se guarda de uma ofensa; rancor”². O prefixo “re-” dá a ideia de que o sujeito sente o mal sofrido outra vez, como no momento em que foi cometido. Trata-se de um estado de eterno retorno³.

Kancyper, no livro *Ressentimento e remorso: estudo psicanalítico*⁴, definiu o paciente ressentido como aquele que está doente de reminiscências, que não pode deixar de recordar, não pode esquecer. Nessas situações, a libido está tenazmente ligada a um objeto devedor. O ressentido nutre-se dos maus-tratos provenientes da realidade material e do passado, reforçando o aspecto externo dos conflitos e assim alimentando o *status* de inocente, castigador, vingativo e arrogante⁴.

Segundo Maria Rita Khel⁵, psicanalista brasileira que também abordou o tema, o ressentido é alguém que busca alcançar um efeito retroativo sobre a passagem do tempo e anular a constatação da evidência da falta do outro. O ressentido não reconhece sua responsabilidade no fato do qual se queixa, não admite ser deslocado do lugar de vítima. Ele mantém uma atitude amarga diante da vida, e, preso ao passado, permanece impossibilitado de superá-lo. Essa autora diz que o ressentido não perdeu um objeto, mas sim um lugar, que julga ser seu de direito. O que o ressentido reivindica é o reconhecimento de um suposto valor ou o exercício de um direito do qual acredita ter sido privado⁵.

O movimento que anima o ressentido é regressivo: ele ambiciona retornar a um estado anterior impossível, recusando a realidade objetiva de uma perda. No clássico *Luto e melancolia*, Freud descreve o estado melancólico, resultado da impossibilidade de realizar um luto. A melancolia indica que um trabalho de luto não pôde ser feito, e que então a libido não foi retirada do objeto amado, o que impede qualquer outro investimento. Freud já destacava o teste de realidade como parte essencial da elaboração do luto⁶.

Dessa forma, o ressentimento poderia ser compreendido como uma incapacidade de elaborar o luto de um objeto perdido. Melanie Klein inseriu o luto como um fenômeno da posição depressiva. Para Klein, a perda de uma pessoa amada reativa a posição depressiva infantil, e a habilidade de entrar em luto e de se recuperar depende da solução da posição depressiva arcaica⁷. Para Grimberg, o luto é um longo processo que se inicia no momento da perda, que inclui o pesar pelo próprio objeto e o pesar pelas partes do ego nele depositadas. Esse processo pode tornar-se patológico quando os lutos infantis não puderam ser elaborados, pois o ego deficitário não poderá utilizar todos os seus recursos frente a esse novo quadro patológico, e o processo de luto continuará indefinidamente⁸. Mário Martins também ressalta que a elaboração inacabada de alguns lutos indica uma deficiente elaboração da posição depressiva. Segundo esse autor, tais situações geram resíduos patológicos nos quais se pode verificar a presença de um objeto interno morto, mas ainda dotado de vida⁹.

Assim, um luto normal conduziria à resignação pela perda e à passagem do investimento da libido para outros objetos. Porém, quando a ferida narcísica não cicatriza, prevalece a inércia psíquica e o paciente pode

ficar retido na temática torturante. O sujeito ressentido vive como se estivesse congelado num *status* de sofrimento, encistado pelo rancor⁴.

Para Kancyper, tanto o ressentimento quanto a inveja são manifestações da pulsão de morte. A inveja, segundo a teoria de Melanie Klein¹⁰, está presente desde o início da vida, sendo de base constitucional. Klein define a inveja como o sentimento raivoso de que outra pessoa possui e desfruta algo desejável. O impulso invejoso procura depositar maldade no objeto, a fim de estragá-lo ou destruí-lo, e assim elimina o mal-estar provocado pela inveja¹⁰. Inveja e ressentimento diferem num aspecto fundamental. Enquanto a inveja tem por finalidade última a destruição do objeto, o ressentimento utiliza uma forma menos destrutiva de identificação projetiva, que visa castigar, dominar e controlar o objeto. A permanência do ressentimento garante o reencontro com o objeto primário frustrador. Nessas situações, a relação objetal se singulariza por: imobilizar o objeto, perpetuando sua presença; maltratar o objeto através de uma relação sádica, pelos agravos e danos que o sujeito “imerecidamente” sofreu; preservar o objeto paradoxalmente maltratado com crueldade⁴.

Kancyper estabelece uma diferenciação entre o ódio e as aspirações vingativas (relacionadas ao ressentimento). O ódio, no sentido em que se opõe precisamente ao amor, promove a diferenciação e a necessária separação objetal. Estando relacionado às pulsões de autoconservação, o ódio induz o sujeito a enfrentar-se com o objeto e então desligar-se dele. Esse desligamento promove a gênese e a manutenção da discriminação das relações de objeto. O ódio vira ressentimento quando reforça a regressão do amor à etapa sádica prévia; então o ressentimento adquire um caráter erótico e se perpetua um vínculo sadomasoquista¹¹.

Um aspecto importante do ressentimento é a distorção do tempo. Para Kancyper, o sujeito ressentido não vive numa realidade atemporal, mas sim no passado. O ressentido tende a implantar um tempo circular, no qual a noção de tempo abriga uma esperança vingativa, como um último recurso de luta no qual o sujeito tenta restaurar a própria dignidade¹¹.

O ressentimento permeia tantos aspectos da vida do indivíduo e tem tal constância que pode ser considerado um traço de caráter. O sujeito ressentido está amarrado a um passado cujas contas ainda não saldou⁴, e, considerando-se inocente, coloca-se numa posição de vítima privilegiada. Assim, frequentemente o paciente ressentido apresenta-se como um credor soberbo e arrogante, com direitos outorgados de revanche pelo agravo sofrido. Para descrever esse estado de superioridade, Kancyper usa a expressão “Sua majestade, o ressentido”¹¹. A agressividade dirigida ao objeto suscita sentimentos conscientes e inconscientes de culpa com necessidade de castigo, que se manifestam em provocações sadomasoquistas⁴.

O ressentimento parte de uma afronta narcísica que origina um movimento reivindicatório. Muitas vezes, o ressentimento direcionado a objetos da vida atual encobre situações traumáticas precoces¹¹. Assim, vivências precoces são ressignificadas e exteriorizadas com os objetos atuais. Portanto, a reparação do mal sofrido que o paciente requer muitas vezes está dirigida inconscientemente a figuras arcaicas. Nesse sentido, o ressentimento está a serviço de garantir a continuidade do vínculo, não só com o objeto atual devedor, mas com os arcaicos. Entretanto, o ressentimento preserva no indivíduo um objeto morto-vivo⁴.

Mário Martins ressalta que são as partes do ego incluídas no objeto perdido que o mantêm com vida no ego. Portanto, manter o objeto vivo se faz necessário exatamente para a preservação daquelas partes ou aspectos do ego. Isso significa que, enquanto restarem aspectos do ego retidos no objeto, o luto não poderá ser ultimado⁹.

O sujeito permanece atrelado à memória de um passado traumático do qual não pode se separar e manter a distância do inconsciente. No ressentimento, os acontecimentos traumáticos são intoleráveis para o ego. Por não poderem entrar na cadeia de significação simbólica, não ascendem ao patamar de poderem ser reprimidos, mas persistem cindidos. Os sentimentos e representações do rancor se repetem como automatismos, sem configurar um recordar acompanhado de uma revivência afetiva integrada em uma estrutura diferente¹¹.

O ressentimento no fim dos relacionamentos amorosos

O prolongamento infinito das relações amorosas, através do ressentimento, é um dos desfechos possíveis nas separações. Num casal, fantasias inconscientes de cada membro e defesas compartilhadas possibilitam a construção de um laço através do qual pretendem responder às necessidades do outro, assim como ter as suas atendidas. O amor é responsável pela ilusão de encontrar, na realidade, o objeto do desejo supostamente capaz de reeditar o encontro mítico com o objeto primordial¹². Nos relacionamentos amorosos, os conflitos narcísicos se manifestam não só na inveja inconsciente, desvalorização, exploração e separação, mas também no desejo inconsciente de completar a si mesmo através do parceiro, que é tratado como um gêmeo imaginário¹³.

As relações amorosas e sua psicopatologia particular foram estudadas por Kernberg¹³. Segundo esse autor, o desejo inconsciente de reparar relacionamentos patogênicos do passado e a tentação de repeti-los em termos de necessidades agressivas e vingativas insatisfeitas resulta na reencenação desses conflitos com o parceiro. Através da identificação projetiva, cada um tende a induzir no outro as características de um antigo objeto com quem teve conflitos. Antigos cenários encenados inconscientemente podem incluir fantasias realizadoras de desejo, culpa inconsciente e a busca de um final diferente para a situação traumática temida e interminavelmente repetida¹³.

Sendo assim, o doloroso momento da separação é propício para eclosão de conflitos anteriores, muitas vezes adormecidos. Sujeitos que mantêm processos de separação litigiosos durante anos não conseguem desinvestir o ex-parceiro e a ele dirigem seu ódio, degradando-o, fazendo sofrer e tirando satisfação sádica de seu sofrimento¹². Quanto mais identificação projetiva carrega um relacionamento, maior é a dificuldade de levar a cabo uma separação¹⁴. Constatar que o outro é independente e está conseguindo gerenciar sua vida após a separação é experimentado como ofensivo por aqueles que têm intensas necessidades narcísicas e depositam no casamento seus anseios fusionais¹².

Marta percebia a mãe como uma figura muito severa, que a obrigava a trabalhar exaustivamente e

cuidar dos afazeres domésticos. Antes mesmo de casar-se, soube da infidelidade do companheiro. Retrata o marido como mau-caráter, adúltero, grosseiro e manipulador. Marta jamais se sentia “compensada” pelo seu sofrimento e parecia não haver possibilidade de abrir mão de sofrer.

Masochismo e ressentimento

Hoje, Marta sente-se escravizada pelos filhos adultos, a quem diz servir de “empregada”. Realiza tarefas domésticas extenuantes e frequentemente tem dores e lesões provocadas por essas tarefas. Frequentemente faz “surpresas” para os filhos, que incluem algum desgaste físico e decepciona-se com a falta de gratidão deles.

Para Kernberg, o padrão masoquista inicia-se na idealização primitiva de um objeto poderoso e cruel que carece de uma dimensão moral. O sentimento de culpa inconsciente conduz o paciente masoquista a sofrer conforme a vontade de um introjeto punitivo. Essa seria a única maneira de recuperar o amor do objeto original e a união com ele. As relações cronicamente abusivas e caóticas com um objeto parental podem se refletir em grave destrutividade e autodestrutividade, produzindo o que ele chama de “síndrome do narcisismo maligno”. Essa síndrome se caracteriza por um *self* grandioso patológico, infiltrado com agressão, que reflete a fusão do *self* com o objeto sádico. Esse modo de relacionar-se pode congelar-se e repetir-se de modo circular na vida do paciente¹³.

Marta manteve um relacionamento sadomasoquista duradouro, em que possivelmente repetiu o papel de vítima que ocupava no relacionamento com os pais¹³. Após a separação, mantinha esse estado de coisas de duas formas: primeiro, vivendo de modo masoquista seus dias como subordinada dos filhos, impondo-se desgastes físicos e psicológicos não justificados pela realidade externa; segundo, não realizando o divórcio, mantendo-se sempre ligada ao perpetrador através do ressentimento.

Em suas fantasias, a nova companheira recebe do ex-marido tudo de bom que ele poderia oferecer. Esta outra está regozijada entre benefícios materiais e afetivos, gozando de todo o bem-estar e conforto que ela nunca desfrutou. Marta supõe que conceder o divórcio seria oferecer mais um benefício à outra mulher. O sofrimento que Marta se impõe diariamente parece gratificar suas tendências sádicas. Ao castigar-se, possivelmente está de algum modo castigando o seu algoz e aos pais. Esse equilíbrio perverso parece não mais envolver a expressão da agressão sancionada pelo superego, mas a encenação de cenários sadomasoquistas mais primitivos¹³.

Kernberg ressalta que em patologias masoquistas, nas quais os pacientes colecionam injustiças, o sofrimento pode proporcionar um sentimento de superioridade moral. Kernberg afirma que mulheres com personalidade depressivo-masoquista comumente apaixonam-se por homens idealizados, desde que estes sejam inacessíveis e frustrantes. Esses encontros, desapontadores desde o princípio, podem gerar fantasias românticas mantidas durante muitos anos, relativas ao que poderia ter sido. No relacionamento masoquista,

o amor se intensifica precisamente após ter ficado claro que não é correspondido. Uma fixação no trauma leva a intermináveis repetições das mesmas experiências¹³.

Implicações do ressentimento no processo terapêutico

Na sua 28ª conferência (1917), Freud diz que “o sucesso da terapia encontra limites na falta de mobilidade da libido, que pode recusar-se a abandonar seus objetos, e na rigidez do narcisismo, que não permite que a transferência ultrapasse determinados limites”¹⁵. Em *Análise terminável e interminável*, Freud refere-se a certos pacientes que não podem decidir-se a desligar catexias de um determinado objeto e deslocá-las para outro¹⁶.

O paciente ressentido pode tornar-se inacessível ao tratamento. Grimberg ressalta que certos indivíduos tendem a evitar quaisquer mudanças, pois estas trariam uma forte ameaça a sua identidade⁸. Para Kancyper, o paciente utiliza uma grande quantidade de energia para manter sua libido tenazmente ligada ao passado e manter a inércia psíquica. O paciente ressentido contabiliza unicamente as frustrações pelos maus-tratos padecidos nas situações traumáticas do mundo externo, tanto as presentes como as passadas. Porém, recusa-se a incluir os efeitos dos seus próprios impulsos destrutivos, os quais, através da inveja, atacam seus próprios objetos⁴. As feridas não cicatrizadas do passado são constantemente reinfetadas, e muitas vezes estão a serviço de encobrir a própria destrutividade do paciente¹¹.

Na transferência, frequentemente o terapeuta ocupa o lugar de um objeto persecutório, sendo colocado numa situação em que ou simpatiza com o paciente ou é acusado de estar do lado do inimigo¹³. Os processos circulares de encarceramento do ressentimento, sem possibilidade de saída, podem dar uma ideia do mundo interno do sujeito, que vive uma existência enclausurada e determinada pela desesperança. A esse grave obstáculo no processo, Kancyper denominou baluarte “kafkiano”¹⁷.

O campo “kafkiano” provavelmente estaria constituído por identificações primárias insuficientemente estruturantes, provenientes de traumas narcisistas precoces. O baluarte** “kafkiano” traduz-se por um estado de repetitivo desafio e provocações que ataca o processo terapêutico. Esse baluarte gera um campo que oscila entre a desesperança e a esperança, culpa e condenação. O paciente permanece regressivamente colado a uma persistente e repetitiva atitude de desalento, tentando derrotar e até sepultar a capacidade terapêutica do terapeuta, com o objetivo inconsciente de conduzi-lo a sua privada “necrópole”¹¹.

Kancyper descreve a fantasia inconsciente básica desse campo com a imagem de dois gladiadores, em que um deles deve morrer. É difícil dismantelar o prazer relacionado com o ataque ao processo terapêutico, já que essa satisfação está relacionada a uma fantasia onipotente mortífera que provém da megalomania negativa

** O conceito de baluarte foi concebido por Madeleine e Willi Baranger, definido como um refúgio inconsciente de fantasias poderosas de onipotência, que tendem a cristalizar uma configuração determinada. Trata-se de uma formação defensiva do campo, que imobiliza e dificulta o processo analítico, derivada de uma cumplicidade entre terapeuta e paciente, uma neoformação em que estão incluídos aspectos da história de ambos os participantes (Baranger et al, 1969).

do narcisismo a serviço de Tánatos***. No campo “Kafkiano”, paciente e terapeuta permanecem imobilizados em uma regressiva desesperança¹⁷.

A repetição na situação kafkiana é a forma básica da impossibilidade da existência de um futuro. Na transferência, o terapeuta pode representar um ofensor do passado. As manifestações regressivas e repetitivas do ressentimento são direcionadas também ao terapeuta, podendo abrigar uma esperança vingativa de castigar, em sua figura, os objetos arcaicos humilhantes e supostamente responsáveis pelos seus agravos¹⁷.

Do ressentimento interminável ao ressentimento terminável

O ressentimento é patológico e interminável quando o sujeito não cicatriza certas feridas narcísicas, que se reinfecam indefinidamente através dos tempos¹¹. Enquanto a dor de uma separação só puder ser vivida mediante a responsabilização do outro, o paciente fica preso a uma lógica binária na qual só existem o bom e o mau, o inocente e o culpado, a vítima e o algoz¹². O ressentimento pode chegar a ser interminável quando opera como uma defesa, ante a impossibilidade de admitir a perda do irrecuperável. Nesse sentido, opera como o que Steiner¹⁸ denominou refúgio psíquico: “uma organização patológica da personalidade que proporciona uma estabilidade que é resistente à mudança psíquica. Os ressentimentos focalizados em experiências traumáticas são experimentados como lugares regressivos de segurança onde o sujeito pode buscar refúgio da realidade, da angústia e da culpa”¹⁸.

Quando se instala o ressentimento patológico, legitima-se uma regressiva vontade de domínio onipotente, que aspira a impor um poder retaliativo sobre outro, o agressor. O paciente ressentido parece preferir vingar-se a curar-se¹¹. Para Kancyper¹¹, a principal função da psicoterapia nessas situações pode se traduzir em fazer do ressentimento interminável um ressentimento terminável. O ressentimento interminável está baseado na memória do rancor, enquanto o terminável está relacionado com a memória da dor. Kancyper descreve o ressentido como um “*mnemonista implacable*”, um sujeito com capacidade extraordinária para manter vivas memórias de um intolerável passado. A memória do rancor se entrincheira na esperança da revanche, e sua repetição reinstala, através da pulsão de morte, a compulsão repetitiva e até insaciável da vingança. Nessa situação, não há possibilidade de futuro, pois presente e futuro são hipotecados para lavar a honra ofendida do passado¹¹.

Uma das saídas possíveis para o indivíduo ressentido pode ser descrita como a passagem da memória do rancor para a memória da dor. A memória da dor não nega o passado e não exige a renúncia à dor do ocorrido. Opera, através da pulsão de vida, como um não esquecer estruturante e organizador, como um sinal

*** Ao desenvolver os conceitos de pulsão de vida e de morte, Freud construiu uma analogia com as figuras mitológicas de Eros e Tánatos. Enquanto a pulsão de vida, representada pela libido dos instintos sexuais, e mais genericamente por todos os impulsos de autoconservação, coincide com a figura de Eros, a pulsão de morte, mutuamente oposta, é representada por Tánatos, o deus da morte. Esses conceitos foram desenvolvidos em *Além do princípio do prazer* (1920) e *Mal-estar na civilização* (1930).

de alarme que protege e previne a repetição do mal e dá espaço para uma transformação e uma renovada construção do possível¹¹.

Quando as lembranças do passado forem estruturadas a partir da memória da dor, possibilita-se usar o passado com vistas ao presente. O ressentimento interminável pode passar a ser terminável quando o sujeito rancoroso abre mão do desejo de triunfar sobre o outro através da vingança. Essa renúncia pode se dar através de um trabalho complexo de elaboração, em que o cindido e o projetado no ressentimento devem ser reintegrados e introjetados no próprio sujeito¹¹.

Para passar a ser terminável, é necessário que o ressentimento transforme-se em ódio¹¹. Construções microdelirantes que sustentam o ressentimento devem ser desfeitas, a fim de que apareça a inveja consciente. Isso implica a renúncia de uma ilusão e a tolerância de uma afronta narcísica. Esse processo de reordenamento das identificações narcísicas requer uma forte dose de agressividade a serviço de Eros¹⁷.

Nessa situação, é útil tentar ajudar o paciente a tomar certa distância das suas memórias, a fim de fazer o reordenamento dessas identificações, para que possa ser possível transformar o rancor em história. Para isso, é necessário superar a lógica beligerante que serve como matriz do ressentimento, que na fantasia inconsciente básica do campo se manifesta com a oposição entre o débil e fracassado e o forte e vitorioso. Uma vez que se possa romper essa dicotomia no campo, torna-se possível construir outra lógica¹¹.

No lento processo de elaboração psíquica, trava-se uma série de batalhas de ambivalência. Quando o paciente ressentido assume o abandono de sua autoidealização onipotente ante a revelação de que na realidade material o outro, tomado como sujeito, é exterior e independente, assiste então a derrota de suas próprias instâncias ideais¹⁷.

Essa renúncia ao ideal narcísico, através da desidealização, rompe a circularidade da compulsão à repetição e abre espaço para uma esperança do possível. Essa elaboração se dá mediante pequenas e sucessivas retificações que valorizam o objeto, o ego e o vínculo entre ambos. Assim, possibilita-se a passagem para objetos mais discriminados¹⁷. Levy destaca que a elaboração do luto de relações amorosas se faz concomitantemente com a recuperação das partes de si que foram projetadas no outro; e isso só pode vir acompanhado de uma possibilidade de integração do ego de cada um dos envolvidos, o que significa quebrar com a idealização do modelo fusional de relacionamento. Com isso, a energia libidinal pode ser direcionada para novos objetos¹².

Mário Martins ressalta que as partes do ego retidas no objeto devem ser recuperadas para que seja possível elaborar o luto. Trata-se de um lento processo, que depende das possibilidades de liberação da libido que permanece no objeto. Essa liberação se faz de um modo progressivo, através de cada um dos seus pontos de fixação⁹.

Nessas situações, o terapeuta deveria se posicionar como um “aliado transitório”, e não como um “cúmplice”, para que o paciente se anime a questionar e confrontar o sofrimento, que é visto como imposto

pelos outros. Nesse contexto, o paciente deveria posicionar-se no lugar da responsabilidade, e não da culpa, remorso ou vergonha¹¹.

Em síntese, o tratamento psicoterápico nesses casos deve almejar que o indivíduo possa chegar a ser um agente ativo de seu próprio destino, e não uma mera vítima. Visa que o sujeito não permaneça imantado como um refém a um destino prefixado e possa ascender a uma realidade dinâmica de incertas e infinitas possibilidades, da qual deve ser o protagonista¹¹.

Considerações finais

Para Nietzsche, o excesso de memória mumifica a vida. Em *Genealogia da moral: uma polêmica*, o filósofo sugere que seria necessário suspender a memória, em determinados momentos, para que seja possível a afirmação do tempo presente¹⁹. Assim como relatado na teoria, Marta fazia uso perverso da memória na psicoterapia. Aqui, o “recordar” não tem a função de compreensão do passado, que torne possível uma elaboração dos conflitos anteriores. As memórias vívidas de um passado torturante (reproduzidas no presente) estão a serviço de manter o *status quo*, justificando o intransponível muro do sofrimento atual.

A memória encistada pelo rancor constitui um certo culto à desgraça⁴. Esse lugar dá ao paciente o direito não só de ser sádico e cruel com o outro como consigo¹⁷. Na contratransferência, a sensação de imobilização era predominante, o que remetia à ideia de que havia um objeto aprisionado dentro de Marta. Ela era, ao mesmo tempo, carcereira e prisioneira.

O doloroso momento da separação é propício para eclosão de conflitos anteriores, muitas vezes adormecidos. Quanto mais identificação projetiva carrega um relacionamento, maior é a dificuldade de levar a cabo uma separação¹⁴. O ressentimento pode ser visto como um luto mal resolvido, no qual o objeto interno perdido fica enquistado no sujeito, como um objeto morto-vivo que deve ser mantido, pois seu abandono resultaria na aniquilação de partes do próprio ego⁹. A manutenção do *status* de sofrimento nessas situações pode ter um caráter masoquista¹³. Na transferência, o terapeuta pode representar um opressor do passado, e o campo pode ser dominado por uma sensação de batalha de gladiadores, na qual um dos participantes deve morrer¹⁷. Um dos caminhos possíveis para a resolução das situações de ressentimento é descrita por Kancyper como a passagem da memória do rancor para a memória da dor¹¹. A elaboração do ressentimento é um longo processo, no qual o paciente pode ser ajudado a abrir mão dos desejos de vingança e descobrir um novo uso^{11,17}.

Apesar de poucos autores terem abordado o tema diretamente, a compreensão psicodinâmica do ressentimento é bastante rica. Explorar suas origens e técnicas de abordagem parece ser útil na prática psicoterápica. O ressentimento se apresenta nas psicoterapias como uma face intransigente da resistência. Paciente e terapeuta podem sentir-se como se estivessem num complexo labirinto: achar a saída parece possível,

mas buscá-la exige uma grande quantidade de energia e é necessário poder tolerar as frustrações de um longo percurso.

Referências

1. Bulfinch T. O livro de ouro da mitologia. Rio de Janeiro: Ediouro; 2006.
2. Ferreira AB. Mini-Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. 10ª ed. Rio de Janeiro: Positivo; 2010. Ressentimento.
3. Fiorin JL. Semiótica das paixões: o ressentimento. Alfa Revista de Linguística [Internet]. 2007;51.
4. Kancyper L. Ressentimento e remorso: estudo psicanalítico. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1994.
5. Khel MR. Ressentimento. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2007.
6. Freud S. Luto e melancolia (1917). Rio de Janeiro: Imago; 1996.
7. Klein M. O luto e suas relações com os estados maníaco-depressivos (1940). Rio de Janeiro: Imago; 1996.
8. Grimberg L. Culpa y depression. Buenos Aires: Paidós; 1963.
9. Martins M. Epilepsias e outros estudos psicanalíticos. Porto Alegre: Artes Médicas; 1983.
10. Klein M. Inveja e gradidão. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos (1957). Rio de Janeiro: Imago; 1991. (Obras completas de Melanie Klein; 3).
11. Kancyper L. Resentimiento terminable e interminable: psicoanálisis y literatura. Buenos Aires: Lumen; 2010. 256 p.
12. Levy L, Gomes IC. Relações amorosas: rupturas e elaborações. Tempo Psicanalítico [Internet]. 2011; 43(1):45-57.
13. Kernberg OF. Psicopatologia das relações amorosas. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995.
14. Costa GP, Katz G. Dinâmica das relações conjugais. Porto Alegre: Artes Médicas; 1992.
15. Freud S. Conferência XXVIII. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
16. Freud S. Análise terminável e interminável. Rio de Janeiro: Imago; 1996.
17. Kancyper L. Esperanza terminable e interminable en la situación analítica. Revista de Psicoanálisis [Internet]. 2008; LXIV:81-91.
18. Steiner J. Refúgios psíquicos. Rio de Janeiro: Imago; 1997.
19. Nietzsche FW. Genealogia da moral: uma polêmica. São Paulo: Companhia das Letras; 1998.

20. La situación analítica como campo dinámico. In W. Baranger & M. Baranger, *Problemas del campo psicoanalítico*. Buenos Aires: Kargieman (1969).

Correspondência

Fernanda Lucia Capitanio Baeza

Rua Ramiro Barcellos, 2350

90460-210 Porto Alegre, RS, Brasil

Submetido em: 18/09/2016

Aceito em: 06/10/2016